

# A Questão Portuária em Torno de Montemor-o-Velho: Estudo de Arqueologia

Marco Penajoia

## Resumo

A presente publicação vem demonstrar a importância da navegabilidade outrora existente no rio Mondego e inserir Montemor-o-Velho numa dinâmica demográfica e económica. O papel deste concelho foi fulcral para a ligação do litoral com a cidade de Coimbra e regiões do interior, atribuindo-lhe um posicionamento estratégico para a comunicação intra e extra regional.

Apresentam-se algumas propostas de identificação da antiga situação portuária flúvio-marítima, referenciada desde sempre como de capital importância, mas sem uma posição determinada. Para isso, foi estabelecida uma metodologia de trabalho alicerçada sobretudo em análises bibliográficas, cartográficas, geomorfológicas e prospeções arqueológicas, que foram fundamentais para sustentar hipóteses de localização.

## Palavras Chave

Montemor-o-Velho; rio Mondego; navegação; porto; prospeção arqueológica; geomorfologia.

## Colecção Memória e Identidade

### Outros títulos:

*O valor da Escrita em Tempos de Inês de Castro,*  
Maria José Azevedo Santos

*Montemor-o-Velho a Caminho da corte e das cortes,*  
Maria Helena da Cruz Coelho



GOVERNO DE  
PORTUGAL

SECRETÁRIO DE ESTADO  
DA CULTURA



**Academia Portuguesa  
da História**

**Prémio Professor Doutor Pedro da Cunha e Serra  
2012**

• U



C •

FLUC FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

## Prefácio

Durante muito tempo o estudo arqueológico do litoral português tardou a ganhar a importância que merece, pouco contribuindo para bibliografia especializada disponível. Esta circunstância negativa resultou das dificuldades apresentadas pelo tema, exigindo o domínio de matérias diversificadas, nem sempre fácil de adquirir, tanto como de uma errada visão do que foi a costa portuguesa, em parte devido ao conhecido e sempre invocado efeito de finisterra.

Na verdade, o litoral que hoje nos pertence foi, desde tempos muito remotos um interface entre o mundo atlântico e o mundo mediterrânico, naturalmente sujeito aos ritmos da história e da evolução tecnológica. O trabalho que Mestre Marco Penajoia elaborou, resultante da sua excelente dissertação de Mestrado em Arqueologia e Território, defendida na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, constitui um importante contributo para o conhecimento do que foi essa história, em grande parte só recuperável através de uma metodologia de investigação arqueológica actualizada e exigente.

Como a obra demonstra inquestionavelmente, o estudo de uma área litoral com funções portuárias implica uma concepção de *longue durée*, para que percebamos porque aconteceu e como aconteceu, tanto como para nos elucidar sobre as causas de transformações inelutáveis. O litoral português não é dos mais fáceis para a navegação à vela e a zona a norte e a sul do estuário do Mondego não conta durante muitas milhas com portos de abrigo praticáveis, pelo que o rio surge logo na Proto-História como uma área de abrigo privilegiada. Os portos flúvio-marítimos tiveram particular importância num território de comunicações relativamente difíceis, onde os caminhos foram proverbialmente maus ou inexistentes, e basta lembrar o que Lichnowsky escreveu sobre a sua viagem de Buarcos até à Figueira da Foz e depois até Coimbra, em 1842, para apreendermos uma realidade fundamental que hoje nos parece muito distante ou estranha.

Os rios foram vias essenciais, comunicando o litoral com o interior, tanto mais que o curso de muitos deles corria mais ou menos perpendicular à costa, facilitando o acesso a zonas por vezes bastante afastadas do litoral e permitindo o desenvolvimento de uma série de actividades económicas que caracterizaram durante séculos o viver das populações envolvidas. Montemor-o-Velho conheceu bem essa cultura flúvio-marítima, à qual, de alguma forma, se deve a origem e desenvolvimento da povoação. O padrão de povoamento em torno do estuário reflecte essas actividades, que não ocorriam num cenário estritamente local, pois estes núcleos funcionaram longamente como portos avançados de outros situados mais a montante, desde logo Coimbra, cujas relações com o Atlântico, quer na Antiguidade, quer na Idade Média, têm sido pouco consideradas, embora não falem testemunhos favoráveis a essas relações, nas quais temos insistido com frequência.

Num estudo desta natureza, que Penajoia desenvolve entre a Proto-História e os inícios do século XX, é necessário precisar alguns conceitos, um dos quais, fundamental, é o de

porto, conceito que deve ser considerado de acordo com determinado período histórico e nunca de forma permanente. Na verdade, a obra trata desta questão por diversas vezes, reflectindo as transformações geomorfológicas sofridas pelo rio, em parte causadoras de modificações nos ritmos e características da navegabilidade. Todavia, não queremos deixar de chamar a atenção, como o fez com a mestria que lhe é justamente reconhecida, Orlando Ribeiro, para o que de limitado houve nalgumas dessas transformações, quando devidas exclusivamente à natureza. O abandono ou declínio progressivo de muitos dos portos ainda activos no início da Idade Moderna deve procurar-se também na evolução da construção naval, que levou a um aumento do calado das embarcações, tornando impraticáveis barras e cursos fluviais. A revolução industrial, chegada tarde e timidamente a Portugal, constituiu o golpe de misericórdia em muitos destes pequenos portos, pelo aparecimento dos vapores e, não o esqueçamos, da via férrea. Passa a existir uma nova realidade na qual não havia lugar para o que fora anteriormente essencial.

Em torno de Montemor-o-Velho existiu um complexo portuário cuja história, centrada na evolução da vila, de estrutura urbana semelhante à de muitas povoações fluviais antigas e medievais, como muito bem sublinha o autor, é uma história de adaptação, continuidade e complementaridade. Da feitoria fenícia de Santa Olaia ao porto da Figueira da Foz vai um longo caminho, no qual Montemor-o-Velho surge por diversas vezes, marcando pelas suas funções, próprias do que poderíamos considerar como “lugar central”, não com o sentido estritamente geográfico que abusivamente se lhe atribui, mas sim como núcleo organizador e tutelar de actividades exercidas num determinado território.

Marco Penajoia trata da questão portuária com largueza, considerando sempre os portos, independentemente das suas dimensões, como elementos dinamizadores, mesmo quando subsidiários, uma vez que condicionam o povoamento e permitem o desenvolvimento de actividades que de outra forma, não existiriam. Por esta razão admitimos o uso do termo enclave, quando se trata de um centro que estimula actividades específicas, nunca como alguma coisa alheia ao contexto circundante, isolada das realidades económicas e sociais regionais, exótica.

Ao longo da obra encontramos um exaustivo estudo das fontes arqueológicas, que o autor domina perfeitamente, não faltando extenso trabalho de campo. Por outro lado, o recurso a uma copiosa e diversificada panóplia de fontes escritas permite desenvolver os aspectos arqueológicos, contextualizando-os, construindo história. Não correm de feição os tempos para as ciências históricas e arqueológicas (devemos distinguir?), impróprios, pela sua natureza, para encher estádios ou servir de tema para telenovelas, pelo que não nos admiramos, e falamos com a experiência das coisas vividas, que os mecenatos rareiem. Por isso nos congratulamos pela edição desta obra decidida pelo Município de Montemor-o-Velho, cujos autarcas felicitamos, pois editar história é também fazer história, e esta é agora mais necessária do que nunca.

O que aqui fica é uma obra importante para um melhor conhecimento do Baixo Mondego,

sobretudo neste sector centrado em Montemor-o-Velho, uma obra séria que nunca ousa penetrar na zona de penumbra fantasiosa preferida por tantos actualmente. Permitimo-nos reproduzir uma opinião do autor, esclarecedora do que dissemos: *Temos consciência de ter alinhavado ou mesmo criado as bases para uma linha de investigação arqueológica, que irá favorecer a gestão do território montemorense. Trabalhos posteriores poderão explorar mais esta temática, reforçando as hipóteses levantadas e alcançar novos horizontes.* São estes, também, os nossos votos para o futuro, um futuro que desejamos alheio ao pretendido e absurdo fim da história.

Vasco Gil Mantas  
Universidade de Coimbra / Academia de Marinha

São Martinho do Porto, 31 de Julho de 2012



## Mondego de Amor e Ódio

*(...) Rio das moças de Coimbra, rio  
Dos Choupos, dos poetas e doutores:  
Maior rio só de águas portuguesas  
Onde as areias cantam luzidias,  
Fulvas de Sol e de Luar, acesas  
Em frescos de cristais e pedrarias.  
Rio das margens dos salgueiros velhos  
E debruçados e curvados, tortos;  
E rio moço das lavadeiras moças  
Que a gente fica a olhar por esses portos.(...)*

'Aguarelas e Águas-Fortes', in 'Cancioneiro das Pedras', Afonso Duarte (1912)

Pátrio Mondego. O Rio Mondego é o protagonista. É agente ativo na história de uma região. Determina um território. Corre nas veias dos autóctones. Ora amigo, ora inimigo. Ora fértil, ora devastador. Motor de riqueza. Causa de pobreza. É precisamente sobre o Rio Mondego que o terceiro volume da Coleção 'Memória e Identidade' nos fala. Sobre a sua importância histórica, geográfica e económica.

Marco Penajoia apresenta-nos um relevante trabalho com informações inéditas sobre o posicionamento estratégico de Montemor-o-Velho na sua região, desde tempos imemoriais. Realço a sua pertinência em época de comemorações dos 800 anos do Foral Latino de Montemor-o-Velho, a decorrerem entre maio de 2012 e setembro de 2013.

Não quero terminar sem deixar de enaltecer o trabalho desenvolvido pelo autor, bem como a Universidade de Coimbra, prestigiada entidade, que o apoiou, assumindo esta publicação como uma corajosa aposta nos novos valores da investigação historiográfica nacional. O seu trabalho honra os trabalhos das suas predecessoras na coleção em apreço, as insígnias investigadoras conimbricenses, Maria Helena da Cruz Coelho e Maria José Azevedo Santos.

O Presidente da Câmara Municipal de Montemor-o-Velho



Dr. Luís Manuel Barbosa Marques Leal



<b>Índice</b>	<b>Página</b>
1 - Introdução .....	15
2 - As informações sobre a investigação portuária .....	20
3 - Estudo do território	
3.1 - Aspectos geográficos .....	25
3.2 - O Litoral e o Mondego .....	27
4 - O trabalho de campo e gabinete .....	32
4.1 - Montemor-o-Velho .....	33
4.1.1 - Ensaio de evolução urbana .....	35
4.1.2 - O castelo .....	41
4.1.3 - Ponte da Alagoa .....	48
4.1.4 - Casal Novo do Rio (Barca, Forca, Ladroeira) .....	51
4.2 - Verride .....	56
4.2.1 - Quinta da Almiara .....	60
4.2.2 - Sevelha (Outeiro da Moura) .....	62
4.2.3 - Costa do Barrão .....	70
4.3 - Abrunheira (Revels, Presalves, Carril e Almiara) .....	73
4.4 - Análises geomorfológicas .....	79
4.4.1 - Recolha de amostras .....	82
4.4.2 - Ensaios laboratoriais e resultados .....	84



5 - Povoamento e realidade portuária: um ensaio de evolução.....	87
6 - Considerações finais.....	100
7 - Anexos	
7.1 - Textos / Documentos	
7.1.1 - Santa Olaia (Figueira da Foz). A sua posição portuária em período Proto-Histórico .....	105
7.1.2 - Avenças relativas ao porto da Barca da Lavandeira (1845-1846) .....	109
7.1.3 - Autos de Arrematação de barcas dos concelhos de Verride e Montemor-o-Velho – anos económicos de 1808 a 1854 .....	110
7.1.4 - Documento sobre a invasão de muçulmanos na vila de Buarcos no ano de 1630 .....	111
7.1.5 - Referências adicionais à navegação no rio Mondego .....	112
7.1.6 - O porto de Buarcos, a sua “queda” e alguns aspectos relacionados com Montemor-o-Velho .....	113
7.2 - Catálogo de materiais .....	115
7.3 - Figuras seleccionadas .....	127
8 - Bibliografia .....	136
8.1 - Suporte cartográfico .....	154
8.2 - Plataforma informática .....	156
9 - Suporte Digital (CD)	
9.1 - Fichas de análise granulométrica – crivagem	
9.2 - Catálogo de sítios	
9.3 - Figuras / Tabelas / Diagramas	

**Ficha Técnica**

*Título:* A Questão Portuária Em Torno de Montemor-o-Velho: Estudo de Arqueologia

*Autoria:* Marco Alexandre Ferreira Penajoia

*Coordenação Editorial:* António Alves

*Design e Composição Gráfica:* Gutenberg Artes Gráficas, Lda - Carapinheira

*Capa e contracapa:* Excerto cartográfico de: DALINCOURT, Francisco (17\_\_): "Carta do Rio Mondego, desde a Ponte de Coimbra até à Figueira da Foz". (Fonte: Instituto Geográfico Português – www.igeo.pt – CA 323)

*Grafia:* Não foi adoptado o novo acordo ortográfico da língua portuguesa

*Edição:* Câmara Municipal de Montemor-o-Velho

*Tiragem:* 300 Exemplares

*Impressão e Acabamento:* Gutenberg Artes Gráficas, Lda - Carapinheira

*Ano:* 2012

*Depósito Legal:* 347989/12

*ISBN:* 978-989-96835-2-5